

Os Terceiros e os seus “Santos de vestir”

Os Terceiros, protagonistas do património cultural açoriano, têm a sua origem no movimento promovido por S. Francisco de Assis no início do século XIII, fruto de uma vida religiosa consagrada à pobreza e penitência, destacada pela componente de fraternidade entre eclesiásticos e leigos no interior da Ordem Franciscana. Neste contexto nascem movimentos de fiéis, que vão fomentar este modelo de participação religiosa, ficando conhecidos como os Irmãos da Penitência e enquadrados na terceira ordem da hierarquia franciscana, a Venerável Ordem Terceira da Penitência, a par das duas ordens regulares, a Ordem dos Frades Menores e a Ordem de Santa Clara. Os Irmãos da Penitência, devido ao seu carácter secular, ficaram desobrigados dos tradicionais votos da obediência e pobreza. A sua presença nos Açores sucederia 180 anos após a implantação das duas primeiras ordens franciscanas no arquipélago, motivada pela fundação da fraternidade de Ponta Delgada, com a tomada de hábito dos primeiros irmãos em 1624 e, um ano depois, em Angra, estabelecendo-se ao longo do século XVII pelas restantes ilhas, com excepção do Corvo. Prosperaram numa lógica evangelizadora fiel aos ideais franciscanos e como um importante suporte de assistência e apoio social às populações mais carenciadas das ilhas e auxílio aos viajantes que por cá passavam. A singularidade dos Terceiros ficaria ainda marcada pelo papel interventivo das mulheres, num sistema dirigido por homens e que potenciava uma divisão de género no que toca às tarefas a executar dentro de cada fraternidade. Competia às Irmãs da Penitência a orientação das noviças e a preparação das imagens de vestir que compunham as várias manifestações



FIG 1. Trajando e ornamentando uma das imagens.

quaresmais. Numa época dominada pela Contra-Reforma, as comemorações religiosas, entre as quais as procissões e festas populares, tinham um importante papel no despertar da fé. Neste contexto é de destacar a procissão da Penitência, ou dos Terceiros, como também é conhecida em S. Miguel. Esta demonstração religiosa servia não só para enaltecer o sentimento colectivo, mas também como demonstração de influência dos Terceiros no espectro social da época. As procissões saíam à rua com uma panóplia de es-

culturas representando os santos franciscanos. Os “Santos de vestir” eram decorados e trajados a preceito, não faltando os diversos passos da vida do Patriarca de Assis, como seja o momento da entrega da Regra pelo Papa Inocêncio III, em 1209, ou ainda os patronos da Ordem Terceira, o rei S. Luís de França, a rainha Santa Isabel de Portugal e a sua tia, a princesa Santa Isabel da Hungria, sendo as imagens trajadas como os monarcas que interpretavam, ostentando os seus mantos e coroas de prata. A adesão popular a este acto



FOTOGRAFIA DE DUARTE NUNO CHAVES

FIG. 2 O andor “A entrega da Regra pelo Papa Inocêncio III em 1209”.

litúrgico está bem demonstrada pelo elevado número de imagens processionais que compunham estas procissões, chegando em alguns casos a atingir mais de vinte andores. Sobre estes acontecimentos será interessante citar a descrição feita em 1838 pelo olhar atento de dois viajantes britânicos, os irmãos Joseph e Henry Bullar, a propósito de uma visita a Vila Franca do Campo: “Abriam a procissão os irmãos Terceiros, de hábitos pretos fechados do pescoço aos pés. Em volta da cintura pendiam um cordão; o rosto ficava oculto por um pedaço triangular de pano grosseiro, que o tapava todo, com excepção dos olhos que pestanejavam por detrás de duas fendas rasgadas na máscara; vinham descalços, e cada um deles, com uma coroa de espinhos (...) Entre as numerosas imagens de madeira vinha em primeiro lugar a de Cristo, de tamanho natural, coberto de horríveis feridas (...) seguiam-se quarto ou cinco imagens vestidas (...)”.

DUARTE NUNO CHAVES
CENTRO DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR
duartechaves@uac.pt

A Igreja dos Frades da Ribeira Grande

A presença de franciscanos nos Açores data dos primórdios da ocupação insular, quando estes se instalaram na ilha de S. Maria, em 1446, tornando-se pastores da primeira igreja mariense, invocada a N^a S^a da Conceição. Dez anos depois estão na Terceira, onde a comunidade se concentra na ermida de N^a S^a da Guia. Entre finais do século XV e meados do XVII, vão edificar dezoito mosteiros em todas as ilhas, excepto no Corvo: 6 em S. Miguel, 3 na Terceira, 2 em S. Jorge, 2 no Pico, 1 em S. Maria, 2 no Faial, 1 na Graciosa e 1 nas Flores. Na Ribeira Grande, a fundação do convento dos franciscanos está ligada ao desenvolvimento populacional e urbano da costa norte de S. Miguel. Em 1592, Gonçalo Alvares Batateiro e sua esposa, Inês Pires, conseguem licença do bispo de Angra, D. Manuel de Gouveia, para construírem uma ermida sob a invocação de N^a S^a de Guadalu-

pe. A partir de 1612, a ermida seria ampliada e anexada a um convento, inaugurado na década de 1620. A partir de então, o espaço foi sendo ampliado, fruto de várias doações, pois o seu crescimento era necessário para garantir a subsistência dos trinta religiosos que já lá residiam na primeira metade do século XVIII, os quais se ocupavam em actividades pastorais, evangélicas e pedagógicas. Com a implantação do Liberalismo, as Ordens Religiosas foram extintas em 1834 e, em consequência, os frades viram-se obrigados a abandonar o edifício. Neste período, a Santa Casa da Misericórdia da R. Grande, tendo em atenção que o ex-convento se encontrava desocupado, solicitou à Rainha D. Maria II a concessão do mesmo, para instalação do seu hospital. O que lhe é concedida em 30 de Julho de 1839, ficando a Santa Casa como sua proprietária. Todavia, ao longo dos séculos



FIG. 3 A Igreja dos Frades da Ribeira Grande.

XIX e XX, a estrutura do templo foi ficando muito debilitada. A transferência da sede da Misericórdia da Igreja dos Frades para novas instalações na Rua da Conceição, em 1986, agravou ainda mais o estado do edifício, cada vez mais esvaziado de funcionalidades religiosas.

É neste contexto que, com o propósito de revitalizar um espaço nobre do Património Cultural da Ribeira Grande, que a autarquia

desta cidade e a Santa Casa da Misericórdia assinaram, em 2011, um contrato de cedência de utilização da Igreja do convento franciscano. Neste acordo, a Câmara Municipal comprometeu-se a realizar obras de remodelação, restauro e conservação do imóvel e de todo o seu espólio religioso, processo que está em funcionamento e esperamos que venha ser inaugurado nos inícios de 2013. O propósito é criar um *Museu Vivo do Franciscanismo*, que realce a presença da ordem nos Açores e na Ribeira Grande, em particular, e que destaque as formas como essa influência é ainda um traço fundamental do Património Cultural insular. ♦

SUSANA GOULART COSTA
UNIVERSIDADE DOS AÇORES
susanacosta@uac.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura